

CURSO NORMAL EM NÍVEL MÉDIO
DISCIPLINAS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Conhecimentos
Didáticos Pedagógicos
em Ensino
Fundamental

Consultores:

Ana Teresa de Oliveira

Gilda Grumbach

Mônica Mandarino

Professores especialistas:

Gabriela dos Santos Barbosa

Glória Maria Anselmo de Souza

Shirley Ferreira da Silva

Viviane Merlim Moraes Vilela

Janeiro de 2005

O PAPEL DOS CONHECIMENTOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS NO ENSINO FUNDAMENTAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Se estamos convencidos de que todo homem tem um papel histórico a desempenhar, temos de desejar que o estudante o desempenhe desde os bancos da escola (...) Os estudantes têm de aprender a organizar-se, organizando-se; e têm que aprender a ser livres, libertando-se.

Francisco Gutiérrez (2000)¹

Educar as novas gerações representa um ideal a ser alcançado por nós, pela escola e pela sociedade. Vemos, no cenário conturbado deste início de século, diante de vários problemas no campo educacional. Apesar de não poderem ser tratados como fatos isolados e independentes uns dos outros, alguns dentre esses problemas impactam diretamente o nosso trabalho e promovem, de diferentes maneiras, o desgaste da profissão docente, a desqualificação de seus profissionais e o descrédito da escola pública. Tais constatações exigem de nós condutas que mostrem o nosso real compromisso com a qualidade da formação que oferecemos aos futuros professores, educadores que irão atuar nesse contexto.

Inicialmente, precisamos tentar compreender a sociedade em que vivemos, buscando identificar pistas, sinais de alerta para além do que já é conhecido por nós. Uma das questões a ser considerada quando se fala de Educação é a desigualdade social. Sua marca se expressa nas ações e intenções daqueles que, quanto mais têm, mais procuram garantir e preservar privilégios, desconsiderando uma significativa maioria que passa por privações. As pesquisas revelam que quatro quintos da população estão à margem do consumo², ainda que convidados, diariamente, pela televisão a consumir. São cidadãos que participam da produção das riquezas nacionais, através de diferentes atividades humanas, mas são impedidos, socialmente, de usufruir o resultado do que a sociedade global produz.

O agravamento desse cenário se sustenta por meio dos processos de discriminação e marginalização de um número significativo de crianças, jovens e adultos, aos quais, constantemente, vemos negado o direito de acesso e permanência na escola e, mais ainda, o direito de conhecer, de acessar os bens materiais e culturais historicamente produzidos. A todos os cidadãos em etapa escolar deve ser dado o direito de acesso ao conhecimento, por intermédio da escola, de forma a poderem exercer a cidadania, com vistas à transformação da sociedade.

Em pleno século XXI, as pesquisas e a realidade mostram ainda altos índices de analfabetismo, repetência e evasão escolar, provocados pelo abismo econômico presente em nosso país. Esse é, como nos diz Carlos Drummond de Andrade³ um tempo partido / tempo de homens partidos. Quais seriam as possíveis causas

¹GUTIÉRREZ, F. apud SACRISTÁN, J. G. et al. Compreender e transformar para o ensino. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

²GARCIA, R. L. A formação da professora alfabetizadora. São Paulo: Cortez, 1996.

³ANDRADE, Carlos D. de. A Rosa do Povo. São Paulo: Círculo do Livro, 1945.

de tantos problemas? Como contribuir para que a população tenha garantido o seu direito a uma educação de qualidade social? De que forma os cursos de formação de professores podem desempenhar, com compromisso e criatividade, a tarefa que lhes cabe na educação das novas gerações? Que ações precisam ser desenvolvidas para viabilizar uma estrutura curricular do Curso Normal que esteja fundamentada em concepções que apontem para a transformação da realidade educacional existente?

Quando refletimos sobre a importância do nosso papel de educadores e de formadores, e do compromisso nele implícito, abrimos a oportunidade para novas construções e para o questionamento de práticas até então estabelecidas. Como agentes propiciadores de mudança, se assim nos entendemos, faz-se necessário rompermos com paradigmas tradicionais e passarmos a considerar as questões que se apresentam em nossas salas de aula como elementos de reflexão e redimensionamento do trabalho realizado.

Ao nos identificarmos em permanente processo de formação, ousamos romper com as formas já estabelecidas, reconhecendo-nos como produtores do novo, de novas práticas de formação. Cabe então perguntar: quais são as concepções pedagógicas que norteiam nossa prática educativa? É importante o movimento de investigação de nossa prática? Ele deve ser compartilhado com os alunos em formação? Como fazer isso? Como agir frente a tantas inovações? Como nossos alunos, professores em formação, podem ser sensibilizados para a luta histórica a ser vencida, pelo direito de todos à escolarização?

Precisamos ousar. Tal escolha nos leva a reconhecer os saberes que nossos alunos trazem sobre o que é ser professor, sobre questões pertinentes às suas impressões sobre a prática docente, colocando-os em diálogo com os conhecimentos teóricos já produzidos. Pretendemos, assim, promover com os futuros professores uma reflexão sobre a diversidade, sobre os saberes pedagógicos e sobre o redimensionamento do olhar/sentir, possivelmente desencadeando questionamentos fundamentais para a profissionalização docente, como: O que é ser professor? Por que escolhemos essa profissão? Que inquietações nos movem ao exercê-la? O que sabemos para exercer o magistério?

É preciso reconhecer, ainda, que as práticas baseadas nos modelos históricos fundados em metodologias que contemplavam e ainda contemplam a memorização e a repetição isolada, estéril de conteúdos escolares, não ajudam a ensinar a pensar. Elas se limitam à simples reprodução do aprendido, sem criar condições para que cada aluno se torne um ser autônomo, pensante. Assim se manifesta o fracasso escolar.

As questões que aqui levantamos nos convidam a pensar sobre o papel da disciplina *Conhecimentos Didático-Pedagógicos em Ensino Fundamental*. O que ela representa e quais contribuições ela tem a oferecer ao processo formativo para ser professor? Como contribuirmos para a construção de uma outra escola? Quais os encaminhamentos necessários a este desafio? Estamos preparados para o movimento que tal mudança nos exige?

A disciplina *Conhecimentos Didático-Pedagógicos em Ensino Fundamental* tem um papel significativo no processo de formação inicial de professores. Ela possibilita, de acordo com o que refletimos coletivamente, uma visão ampliada das questões presentes no cotidiano escolar, oferecendo-lhes um referencial de ação / reflexão / ação no que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos escolares definidos pela legislação vigente. Entendemos estar, assim, abrindo espaço para a problematização e para o diálogo em busca da reconstrução do trabalho pedagógico nas séries iniciais.

Nos encontros para a discussão desse documento na sua versão preliminar, tivemos a oportunidade de compartilhar com nossos pares tais inquietações. Constatar que elas não são apenas inquietações nossas, foi o que realimentou nosso desejo de continuar.

O trabalho desenvolvido no Curso Normal deve possibilitar uma formação que contemple a compreensão ampliada do ato de educar, levando em consideração aspectos cognitivos, afetivos, práticos, políticos e estéticos como integrantes da vida dos sujeitos que freqüentam a escola.

É importante criar condições para que os futuros professores percebam a necessidade de conhecer e interagir com autonomia, preparando-se também para etapas posteriores da vida acadêmica e profissional; compreendam o processo didático em suas diferentes dimensões e alternativas pedagógicas, preparando-se para gerir o trabalho com os conteúdos curriculares referentes às séries iniciais.

Entendemos que tais conteúdos não devem ser ensinados isoladamente. Eles precisam estar vinculados à realidade social dos alunos em formação e daqueles que freqüentam as primeiras séries de escolaridade e às possibilidades de aprendizagem de cada um, numa dinâmica interdisciplinar, tendo como elo articulador a língua portuguesa.

O principal desafio dos autores desta proposta de re-orientação curricular para a disciplina *Conhecimentos Didático-Pedagógicos em Ensino Fundamental* foi: *Como encaminhar o processo de formação nesta disciplina, dentro dessa perspectiva ampliada?* Assim, esperamos ter, pelo menos, conseguido apontar caminhos para o alcance desta meta.

CONHECIMENTOS NECESSÁRIOS

Construindo uma Identidade Profissional

Podemos iniciar este trabalho com uma discussão sobre como nos tornamos professores e as implicações de tornar-se um profissional da educação. Este é um bom desafio! Essa discussão, iniciada na 1ª série pela disciplina *Práticas Pedagógicas e Iniciação à Pesquisa*, precisa ser aprofundada, ampliando a visão crítica sobre a profissão, fortalecendo o compromisso necessário ao seu exercício. Se for oportuno, dependendo da dinâmica da escola e da integração entre os professores, as atividades desenvolvidas pelo professor da disciplina *Práticas Pedagógicas e Iniciação à Pesquisa* podem contribuir para dar continuidade a esta discussão. Na 3ª série, a disciplina *História e Filosofia da Educação*, certamente, oferecerá outras contribuições para esta temática.

A identificação de conceitos como os de educação, didática, pedagogia contribui para que os alunos em formação possam perceber a articulação necessária entre a teoria e a prática. Possibilita, ainda, que eles se situem no lugar de professor, a ser ocupado futuramente por eles, com autonomia e conhecimento, confrontando as idéias sobre *ser professor*, construídas a partir da experiência adquirida em sua condição de *ser aluno*, enquanto ainda o são. Como esta é uma discussão fundante, consideramos que ela deve ser apresentada ao longo da 2ª série do curso.

Sugestões de Leitura

ARANHA, M. L. de A. *Filosofia da educação*. São Paulo: Moderna, 1997.

FREIRE, P. *Professora sim, tia não*. Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

_____. *Pedagogia da autonomia*: Saberes necessários à prática docente. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

VASCONCELOS, G. A. Nader. *Como me fiz professora*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

Viajar no Tempo: Reconstruindo o Pensamento para Compreender as Idéias da Atualidade

As idéias pedagógicas estão sempre em movimento. Deixar de acompanhá-las nos expõe ao risco de ultrapassagem por todos os lados. O que fazer? Precisamos compreender, relacionar e confrontar as idéias, posturas e práticas que vêm se delineando ao longo da história da educação, como condição indispensável para a intervenção pedagógica no cotidiano da escola.

José Carlos Libâneo (1994), em seu livro clássico, *Didática*, nos permite um breve passeio histórico-filosófico, desvelando a importância de tais conhecimentos para a atuação do professor. Outros autores, como Maria da Graça Mizukami e Maria Lúcia de Aranha Arruda, também podem contribuir muito para uma melhor compreensão das diferentes práticas pedagógicas que convivem nas salas de aula. Na 2ª série, o estudo das diferentes tendências pedagógicas que influenciam o trabalho docente nos parece pertinente, podendo ser a temática de leituras, discussões, atividades em grupo ou seminários. Um trabalho articulado entre esta disciplina e as aulas de Filosofia cria condições para um aprofundamento do tema. Na 3ª série, as discussões sobre História e Filosofia da Educação consolidarão as reflexões. Sugerimos, também, que em conjunto com a disciplina *Práticas Pedagógicas e Iniciação à Pesquisa*, planeje-se um trabalho de pesquisa sobre a história de educadores de destaque, vinculados ao pensamento pedagógico do passado e do presente e suas contribuições para o cenário educacional brasileiro atual.

Sugestões de Leitura

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Moderna, 1997.

GADOTTI, M. *História das Idéias Pedagógicas*. São Paulo: Ática, 1997.

LIBÂNEO, J. C. *Didática*. São Paulo: Ática, 1994.

MIZUKAMI, Maria das Graças Nicoletti. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1986.

O Trabalho Pedagógico nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental

Qual é a escola que temos hoje? O quê e para o quê ensinamos? Estas duas perguntas nos remetem a um clássico da literatura infantil. Estamos falando de Quando a escola é de vidro, de Ruth Rocha⁴. Um trecho especial nos ocorre:

Eu ia para a escola todos os dias de manhã e quando chegava, logo, logo, eu tinha que me meter no vidro. É, no vidro! Cada menino ou menina tinha um vidro e o vidro não dependia do tamanho de cada um, não! O vidro dependia da classe em que a gente estudava. (...)

Rocha (1986)

E você? Lembra-se de algo ao ler este trecho? A que distância estamos dessa escola? E os futuros professores, o que pensam a respeito da escola que temos hoje? Consideramos fundamental pensar sobre a escola que temos e qual é a sua função social, a fim de compreendermos a nossa real tarefa ao formar professores para as séries iniciais do Ensino Fundamental.

⁴ROCHA, R. Quando a escola é de vidro. In _____. *Admirável mundo louco*. São Paulo: Quinteto, 1986.

Se acreditarmos que o modelo posto é o suficiente, e que as famílias estão ausentes e as crianças não aprendem porque são desinteressadas e subnutridas, então, podemos continuar formando professores para manter o cenário atual de fracasso. Entretanto, se reconhecemos que ninguém merece ser “*envidraçado*” na escola, estaremos nos preparando para enfrentar o desafio de ensinar, partindo da premissa de que os alunos são diferentes. Compreender a diferença como elemento constitutivo do processo ensino-aprendizagem torna-se fundamental para o avanço do conhecimento.

Planejar o trabalho a partir do reconhecimento dos diferentes saberes dos alunos é importante para o desenvolvimento de ações que, de fato, potencializem a prática pedagógica. Tal iniciativa começa, do nosso ponto de vista, a partir do constante exercício dos professores formadores em valorizar os saberes dos alunos em formação. Quem são esses alunos, futuros professores? O que sabem? Como articular seus saberes aos conhecimentos didático-pedagógicos em discussão? Tais iniciativas podem ajudar os futuros professores a compreenderem como essa ação se dá concretamente. Ela é um dos grandes enfrentamentos que temos hoje no cenário educacional. Discutir os elementos constitutivos do processo ensino aprendizagem (objetivos, conteúdos, metodologia e avaliação da aprendizagem, currículo) e sua organização (planejamento do currículo e do ensino) faz parte desse processo. O que é avaliação e qual é a sua função no processo de ensino-aprendizagem? O quê, como e para quê avaliamos? Qual a relação entre currículo e avaliação? É possível a organização do currículo por projetos de trabalho? Como viabilizar tal encaminhamento metodológico? Descobrir essa relação pode tornar-se um bom desafio para nossos futuros professores. Iniciando-se na 2ª série do curso, tais discussões podem se desdobrar ao longo das 3ª e 4ª séries, de modo a permitir um aprofundamento cada vez maior dos temas.

Conforme sugestões presentes no documento de *Práticas Pedagógicas e Iniciação à Pesquisa*, este trabalho ganha maior densidade no desenvolvimento das atividades práticas produzidas nessa outra disciplina curricular. A partir da 3ª série, novas contribuições oriundas das discussões em outras disciplinas tais como Abordagens Psico Sociolingüísticas do Processo de Alfabetização, Ênfase na Formação – Conhecimentos Didáticos e Pedagógicos em Educação de Jovens e Adultos, Educação Especial e Educação Indígena – e Conhecimentos Didáticos em Educação Infantil ampliam estes conhecimentos. Nestas disciplinas, são exploradas e retomadas questões relacionadas com a prática pedagógica nos diversos espaços educativos. A leitura dos documentos destinados ao trabalho nesses outros espaços favorece a compreensão das possíveis conexões.

Sugestões de Leitura

ANTUNES, C. *Novas formas de ensinar, novas formas de aprender*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*, 2001.

ESTEBAN, *Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Pedagogia da esperança – um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HERNÁNDEZ, F. e VENTURA, M. *A organização do currículo por projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

LIBÂNIO, J. C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, C.C. *Avaliação da Aprendizagem Escolar*. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PADILHA, P. R. *Planejamento dialógico*. Como construir o projeto político-pedagógico da escola. São Paulo: Cortez, 2002.

Formas de Organização do Tempo Escolar

Imagine-se em um auditório, sem ar condicionado, ouvindo um palestrante que trata de um tema que nada tem a ver com seu interesse. O que você faria, se descobrisse que ele vai falar por três horas, sem intervalo? Certamente sua resposta não será muito diferente daquela de uma jovem que se inicia no curso normal, acostumada com conversas, brincadeiras e a fluidez comum da adolescência, diante de aulas que nada têm a ver com a realidade profissional a qual se propõe.

Você, provavelmente, vai procurar por alguma coisa mais interessante para fazer! E ela também! Mas, diferente de você professor formador, que possui uma autonomia construída, essa jovem precisa subordinar-se a um ritmo que limita seu modo de ser e estar no mundo. Que concepções pedagógicas podem se construir diante de uma prática que aprisiona o aluno por longas horas, dentro de um tempo escolar que, quase sempre, restringe e controla? Alguma vez você já se indagou sobre o assunto, ou perguntou aos seus alunos em formação como se sentem nas diferentes aulas que precisam assistir por manhãs ou tardes enfadonhas e intermináveis?!

Tais situações podem nos ajudar a perceber a importância da organização do tempo escolar e do planejamento das atividades pedagógicas na escola e na sala de aula. A sala de aula já não pode mais se limitar a um modelo que Rubem Alves tão bem denomina “gaiola”. A escola precisa ajudar os alunos a se tornarem pássaros. Deve ensiná-los a voar; ensiná-los a sonhar. Imagine uma escola que nos ensinasse a sonhar? Aprender sonhando..., brincando..., pensando..., questionando..., discutindo... Será que algum dia existirá essa escola?

Rubem Alves nos fala de escolas que são gaiolas e também menciona aquelas que são asas... Estas últimas, diz ele, são aquelas que incentivam o vôo de seus pássaros. Para qual escola estamos formando professores?

Na 3ª e na 4ª série do curso, são possíveis boas discussões sobre as diferentes formas de organização do tempo escolar. Na 4ª série, a reflexão ganha uma densidade maior quando, na disciplina *Política Educacional e Organização do Sistema de Ensino*, forem abordadas as formas de organização escolar propostas pelo art. 23 da LDB (séries anuais, períodos semestrais, ciclos) e como as escolas têm se adaptado a tais possibilidades.

Sugestões de Leitura

ALVES, R. Gaiolas e Asas. In: *Folha de São Paulo, Caderno Opinião*, 05/12/2001.

ARROYO, M. Ciclos de desenvolvimento humano e formação de educadores. In: *Educação e sociedade*. Campinas, n.68, 1999, pp.111-123.

_____. Fracasso–sucesso: o peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica. In: ABRAMOWIC, A. e MOLL, J. (org.) *Para além do fracasso escolar*. Campinas: Papirus, 1997.

Elementos Básicos do Processo de Desenvolvimento da Aprendizagem

O que é aprender? Como se dá a aprendizagem? Durante muito tempo imaginamos que aos professores bastava narrar e repetir para que os alunos aprendessem. A aprendizagem, nessa concepção, era dependente de habilidades como atenção e memorização. Mas o que a prática e a teoria vêm nos mostrando é que a aprendizagem é muito mais fluida e dinâmica, e não a consequência dos incansáveis exercícios de cópia e memorização. *Aprender* envolve a produção de significados, sem o que não se pode falar em aprendizagem.

O que fazer diante de tal quadro? Ignorar as falsas concepções acerca do que é aprendizagem reduz a gravidade da situação? Talvez o nosso desafio seja nos rendermos a condição de aprendizes, compreendendo que é preciso aprender como se aprende. Descobrir junto com os alunos os caminhos a seguir pode ser a alternativa mais honesta e fecunda. Estamos dispostos a assumir que não sabemos tudo?

Iniciamos esta discussão desde a primeira série em *Práticas Pedagógicas e Iniciação à Pesquisa*, quando são discutidos conceitos como o de aprendizagem, além de outros. Ao longo das três séries seguintes, vamos procurando aprofundá-los. Na 3ª série, adensamos a conversa, pois é este o momento em que se iniciam as experiências de situações de aula por meio dos estágios supervisionados.

Sugestões de Leitura

ANTUNES, C. *Novas formas de ensinar, novas formas de aprender*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

COLL, C. *O construtivismo na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1998.

SACRISTÁN, J.G., GOMÉZ, A.I.P. *Compreender e transformar o ensino*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

WEISZ, T. *O diálogo entre o ensino e a aprendizagem*. São Paulo: Ática, 2003.

Conversando sobre as Metodologias

As mudanças ocorridas no Curso Normal de nível médio, a partir do ano 2000, quando foi alterada a grade curricular do curso, determinaram uma realidade à qual temos procurado nos adaptar. A carga horária da disciplina anteriormente denominada Didática foi reduzida, e as disciplinas relacionadas com as metodologias didáticas das diferentes áreas de conhecimento que compõem o currículo das séries iniciais do Ensino Fundamental não fazem mais parte da grade curricular em vigor. Tanto os conhecimentos específicos da didática quanto os das metodologias específicas foram incorporados à nova disciplina *Conhecimentos Didático-Pedagógicos em Ensino Fundamental*. É uma realidade concreta, com a qual temos que lidar. Os vinte tempos semanais de aulas distribuídos em duas séries na antiga grade curricular foram reduzidos para seis tempos semanais, distribuídos por três séries. Como trabalhar todo o processo didático e as metodologias das diferentes áreas do conhecimento? Nossas reflexões acabaram nos colocando diante de uma alternativa de trabalho que fortalece a prática interdisciplinar a qual fazemos referência, quando tratamos de práticas pedagógicas, como uma conduta metodológica interessante.

Estabelecemos, dessa forma, uma parceria estreita com a disciplina *Práticas Pedagógicas e Iniciação à Pesquisa*, como uma maneira de dar conta de todos os assuntos que consideramos fundamentais para o futuro professor. O entrelaçamento faz-se imprescindível para viabilizar a interdisciplinaridade, a abordagem das metodologias específicas, de forma a atenuar o impacto provocado pela reorganização da grade curricular.

Para as áreas de Matemática e Ciências Naturais, ainda contamos com a disciplina *Ciências Físicas e da Natureza*, que possibilita aprofundar os conhecimentos e conteúdos necessários à atuação docente e explorar alguns princípios didático-metodológicos para estas áreas⁵. Apesar da atual grade curricular não oferecer disciplinas específicas, as demais áreas de conhecimento do currículo das séries iniciais do Ensino Fundamental não podem deixar de ser objeto de estudo por parte de nossos alunos. Consideramos que a pesquisa orientada, em conjunto com os demais professores do Curso Normal, pode ser adotada como

⁵ Consultar proposta de re-orientação curricular da disciplina Ciências Físicas e da Natureza constante deste documento.

modo de superar este problema, ou seja, auxiliar na construção e consolidação de saberes das demais áreas. Com certeza, o professor desta disciplina – Conhecimentos Didático-Pedagógicos em Ensino Fundamental – precisará de uma grande cooperação dos professores responsáveis pelas disciplinas que compõem Base Comum Nacional. É preciso não esquecer que muitos alunos chegam ao Curso Normal sem dominar, satisfatoriamente, competências básicas e conteúdos escolares que irão lecionar nas séries iniciais. Neste sentido, passamos a apresentar algumas sugestões de trabalho, para cada uma das áreas de conhecimento do currículo das séries iniciais do Ensino Fundamental, que devem fazer parte do programa, do planejamento e das preocupações com a formação que vamos oferecer a nossos alunos.

A Língua Portuguesa como Elo Integrador das Diferentes Áreas do Conhecimento

Falar sobre o ensino da Língua Portuguesa não é tarefa das mais fáceis. Todos reconhecemos seu papel fundamental, mas ainda é difícil definir quais são as questões relevantes, a serem discutidas ao longo do período de escolarização.

Já compreendemos, por exemplo, que conhecimento da língua é um fator de poder? A aproximação com alguns teóricos como Gnerre (2003), Barbosa (1994) e outros, nos ensina o valor que possui a linguagem escrita em nossa sociedade. Colocada como exigência, mas apenas acessível a uma parcela da população, o domínio da língua materna torna-se instrumento de poder, passando a ser usada, inclusive, como forma de discriminação e exclusão social. Nesse processo, dificilmente consideramos a variação lingüística existente em nosso país. A restrição a um modelo de linguagem padrão dominante, interdita, marginaliza e contribui de modo efetivo para que muitos fiquem fora do processo de escolarização. O mesmo pode acontecer com os demais componentes curriculares trabalhados nas séries iniciais. Torna-se importante, então, refletirmos sobre as possíveis alternativas de trabalho, indagando-nos sempre se existe apenas uma única forma de ensinar e de aprender.

Partimos do pressuposto de que a aprendizagem da língua materna inicia-se desde o nascimento, através das relações que o sujeito mantém com o mundo. Quando se efetiva a aquisição da linguagem oral, este processo se acelera, pois é estabelecida uma forma de expressão, abrindo, desta maneira, os canais de comunicação. Todo conhecimento é adquirido por meio de um processo de construção, onde a interação do sujeito com os objetos de estudo possibilita a formulação e reformulação de hipóteses. Estas buscam dar conta das problemáticas que aparecem em nosso cotidiano. Assim, compreendemos que tal discussão deve ser travada no curso de formação de professores, se é que desejamos imprimir uma nova interlocução com esta disciplina.

Sempre que falamos em Língua Portuguesa, nos remetemos à dificuldade que a escola tem em ensinar a ler e a escrever. Assim, retornamos à discussão sobre a alfabetização. Ao percebê-la como um processo que se inicia antes do período de escolarização formal, torna-se claro que ela não se esgota em um ano letivo, estendendo-se ao longo das séries iniciais do Ensino Fundamental. Percebemos, então, o quanto urge o direcionamento do trabalho pedagógico para uma visão mais abrangente. Isso contribui para o movimento de ruptura com o ensino pautado meramente na gramática e nas questões ortográficas, tendo em vista o leque de possibilidades que esta área nos oferece. A disciplina *Abordagens Psico Sociolingüísticas do Processo de Alfabetização* disponibilizará subsídios importantes para a construção de tais conhecimentos.

Como temos encaminhado a leitura e a escrita no próprio curso de formação?

Inúmeros temas perpassam o ensino da língua, uma vez que as questões nele contidas estão presentes em todas as situações de ensino e aprendizagem, servindo como instrumento de produção de conhecimento em todas as disciplinas. É neste sentido que o texto se apresenta como um rico instrumento, podendo aglutinar questões referentes às diversas áreas. Parte-se da premissa que o conhecimento não se apresenta de forma dissociada no mundo.

Orientar os futuros professores sobre a importância da leitura e da escrita implica incentivar situações didáticas que partam do trabalho com diversos tipos e gêneros textuais. A formação do leitor/escritor certamente exigirá competência na produção de textos. Desse modo, o encaminhamento metodológico precisará investir na autonomia de pensamento, destacando a importância de os alunos deixarem de ser simples repetidores de conteúdo, e passarem à condição de leitores/escritores, capazes de pensar a Língua Portuguesa através de seus usos na vida em sociedade.

O movimento faz-se necessário, também, com os alunos em formação. Eles devem ser os primeiros a se engajarem em tal dinâmica, pois suas atitudes frente à leitura e à escrita poderão ser determinantes do sucesso das crianças com as quais trabalharão. Como o curso de formação inicial pode potencializar a escrita e a leitura dos futuros professores? O uso sistemático da língua em sua funcionalidade talvez seja um dos caminhos para ajudar na construção de uma concepção diferenciada de ensino da Língua Portuguesa nas séries iniciais.

Nesse processo, a parceria com o professor de Língua Portuguesa torna-se elemento chave. Uma discussão a partir do livro *O texto na sala de aula*, organizado pelo professor Wanderley Geraldi, pode fortalecer conhecimentos nas duas disciplinas. É importante também discutir os relatórios das atividades realizadas na disciplina Práticas Pedagógicas e Iniciação à Pesquisa, tomando como referência tanto as questões pedagógicas quanto as questões de estrutura textual. Tal atividade pode contribuir para que os futuros professores compreendam o que significa construir a partir do texto do aluno.

Planejar, em conjunto com o professor responsável pela disciplina *Práticas Pedagógicas e Iniciação à Pesquisa*, atividades que envolvam o trabalho com diferentes textos. Tais propostas se aplicam às três séries nas quais estas duas disciplinas são oferecidas concomitantemente, aprofundando-se na última série do curso. Este tipo de trabalho ajuda ainda a consolidar o conceito de interdisciplinaridade, proposto para a 3ª série. Fomos unânimes em concordar com este encaminhamento, por ocasião da discussão coletiva da versão prévia desse documento⁶.

Sugestões de Leitura

BARBOSA, J. J. *Alfabetização e leitura*. São Paulo: Cortez, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CELIS, G. I. *Aprender a formar crianças leitoras e escritoras*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GERALDI, W. *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2002.

GNERRE, M. *Linguagem escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KAUFMAN, A. M. *Escola, leitura e produção de textos*. Porto Alegre: Artmed, 1995.

MORAIS, A. G. *Ortografia: ensinar e aprender*. São Paulo: Ática, 1998.

⁴Nos referimos aos dois workshops promovidos pela SEE, em 27/11 e 04/12 de 2004, para a discussão da versão preliminar deste documento.

O processo de construção de conceitos nas Ciências Naturais

O trabalho com a área de Ciências Naturais para o Ensino Fundamental permite, como tantas outras áreas, abordagens interdisciplinares. Seus temas estão presentes no cotidiano do aluno e da sociedade. Não se trata de propor que professores e professoras formem cientistas, mas cidadãos capazes de interpretar o que vêem e ouvem, capazes de compreender fenômenos da natureza e intervir de forma consciente, não como predadores, mas como preservadores do meio ambiente e de si mesmos.

O que se pretende com a disciplina é que ela permita aos estudantes lidar com os constantes avanços tecnológicos, compreendendo como a vida se processa, além de se posicionar de forma consistente diante de questões atuais que se relacionam com a tecnologia. Torna-se, assim, fundamental dar ao aluno oportunidade de se perceber como parte da relação homem/natureza, tanto na vida como na sociedade. Mas o que ensinar? Como ensinar? Que caminho se pode priorizar a fim de ajudar os alunos em formação a desenvolverem habilidades como: a observação, a pesquisa e a própria utilização dos conhecimentos aprendidos, na resolução de problemas do cotidiano?

Sugestões de Leitura

DELIZOICOV D. & ANGOTTI, J. A. *Metodologia do Ensino de Ciências*. São Paulo: Cortez, 1994.

FRANCALANZA, H. *O Ensino de Ciências no 1º Grau*. São Paulo: Atual, 1986.

GARCIA, R. L. *O Corpo que fala dentro e fora da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

REIGOTA, Marcos (org.). *Verde Cotidiano: o meio ambiente em discussão*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

VALLA, Vincent (org.) *Saúde e Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

O processo de Construção de Conceitos em Matemática

O estudo da Matemática no Ensino Fundamental é de suma importância para os educandos, pois esta disciplina lhes fornece ferramentas para uma leitura crítica do mundo. Além disso, seu aprendizado pode contribuir decisivamente com o desenvolvimento do raciocínio lógico e da capacidade de resolver problemas.

O período em que a criança está cursando o ensino fundamental é caracterizado pela curiosidade e pela criatividade, e os futuros professores devem ser preparados para saber aproveitar este momento para a aprendizagem da Matemática. Em outras palavras, o futuro professor deve aprender a planejar e colocar em prática algumas atividades que conduzam os educandos a uma construção efetiva dos conceitos matemáticos. No curso de formação de professores, a discussão sobre o ensino de Matemática pode flexibilizar a idéia de que esta é uma ciência que trata de uma verdade eterna e infalível, buscando pensá-la de uma forma dinâmica, sempre aberta à incorporação de novos conhecimentos. Discutir sobre a ludicidade no ensino de matemática é uma questão, também, importante.

Neste sentido, cabe-nos a tarefa de criar um conjunto de situações onde os futuros professores desenvolvam metodologias de ensino que favoreçam a aprendizagem dos alunos. As aulas-treino, ou micro-aulas, que envolvam um pequeno planejamento, proporcionam uma vivência interessante para o futuro professor. Por meio dessas atividades, é importante levá-los a pensar sobre algumas questões, tais como: Qual a importância dos conceitos matemáticos informais que os alunos adquirem antes mesmo de ingressar na escola? Por que devemos construir um saber abstrato e independente do contexto? Qual a importância de o professor oferecer situações-problema que levem o educando a levantar e testar hipóteses, realizar cálculos mentais e estimativas? Qual a relevância da comunicação de idéias matemáticas por meio de diferentes

linguagens e não apenas por meio da linguagem matemática tradicional? Qual é a importância dos jogos como metodologia de ensino de matemática? De que forma se deve tratar a história da matemática com os alunos das séries iniciais do ensino fundamental? A tecnologia pode ser parceira da aprendizagem matemática? Que lugar a calculadora deve ocupar no ensino de matemática? O uso dos materiais concretos garante a aprendizagem dos alunos?

Sugestões de Leitura

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Matemática*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BÜRGER, B., PACHECO, E. *Problemas à vista*. São Paulo: Moderna, 1997.

GUELLI, O. *Contando histórias de Matemática*. São Paulo: Ática, 1999.

HERNÁNDEZ, F., VENTURA, M. *A organização do currículo por projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

KAMII, C. *Desvendando a Aritmética – Implicações da Teoria de Piaget*. Campinas: Papyrus, 1997.

MOYSÉS, L. *Aplicações de Vygotsky à Educação Matemática*. Campinas: Papyrus, 1997.

NUNES, T., BRYANT, P. *Crianças fazendo Matemática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

NUNES, T., CAMPOS, T. M. M., MAGINA, S., BRYANT, P. *Introdução à Educação Matemática: Os números e as operações numéricas*. São Paulo: PROEM, 2002.

SANTOS, V. M. P. *Avaliação de Aprendizagem e Raciocínio em Matemática: Métodos Alternativos*. Rio de Janeiro: Projeto Fundão, 1997.

TAHAN, M. *O homem que calculava*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

O processo de Construção de Conceitos nas Ciências Humanas

O ensino de História e Geografia no Ensino Fundamental representa uma contribuição significativa e importante, na medida em que possibilita aos alunos das séries iniciais tornarem-se capazes de ler, criticamente, os espaços, as culturas e as histórias do seu cotidiano, bem como lhes oferece instrumentos para a compreensão e intervenção na realidade social. É possível ainda, levá-los a perceber como se constroem noções de identidade, como se observam diferenças/semelhanças, continuidade/permanência e como diferentes sociedades interagem com a natureza, na construção de seu espaço.

Nesse sentido, consideramos importante que os futuros professores, aproximando-se dessas questões, discutam tais conceitos. Isto implica pôr em jogo nossas idéias e preconceitos, colocando-nos abertos a culturas e histórias com as quais nem sempre interagimos, ou mesmo com assuntos com os quais não nos sentimos à vontade.

A produção, pelos futuros professores, de atividades que envolvam a problematização da realidade social através da auto-reflexão, da análise comparativa de diferentes grupos, espaços e tempos variados, a produção de gráficos estatísticos, a observação de mapas e pesquisas são formas possíveis de levar à compreensão sobre o encaminhamento metodológico necessário à área de Ciências Humanas. Um estudo dos Parâmetros Curriculares oferece boas orientações.

A Lei 10.639/03 reafirmou questões que vêm sendo problematizadas por educadores, juristas e movimentos sociais organizados no que dizem respeito à valorização da perspectiva étnico-racial nos currículos da Educação Básica. O referido documento, ao determinar a inclusão de História Africana e Afro-Brasileira no Ensino Fundamental, convida-nos a um movimento de pesquisa e objetiva não apenas apontar questões históricas em uma perspectiva cronológica e linear. Ele também propõe uma reflexão sobre aspectos que, relacionados à temática, incentivam um mergulho sobre a luta histórica dos povos pela liberdade, pela conquista de direitos e pelo resgate de sua identidade e cidadania.

Na 3ª série, o tema pode ser abordado através da literatura infanto-juvenil e dos programas da TV Escola. Em novembro de 2004, foram ao ar vários programas da série *Um Salto para o Futuro* sobre a questão étnico-racial.

Existem alguns sites⁷ que disponibilizam informações e textos interessantes. Na 4ª série, além das propostas anteriores, o trabalho desenvolvido em Política Educacional cria alternativas interessantes para aprofundamento do tema. Promover uma reflexão sobre aspectos legais e sobre as políticas públicas destinadas à garantia dos direitos estabelecidos nos documentos legais amplia o olhar-sentir e torna possível a compreensão do valor social e político de tais abordagens.

Investigar dados do IBGE sobre as populações negras, levantar o que dizem os documentos legais sobre a questão do preconceito e do racismo, pesquisar o quantitativo de crianças negras e mestiças matriculadas nas escolas estagiadas e o encaminhamento metodológico da escola para a construção de uma auto-imagem positiva, proporcionam elementos para uma discussão transversalizada por diferentes áreas de conhecimento.

Discutir a história da escravidão, suas conseqüências sobre a vida do povo brasileiro, sobre os processos de exclusão e preconceito tão presentes em nossos dias permite redesenhar o cenário social, político, econômico e cultural brasileiro. Amstard⁸ é um filme interessante para se conhecer a trama envolvida no processo de escravização. Essas iniciativas buscam resgatar o respeito às diferenças e à garantia dos direitos, à igualdade de condições de vida da população negra e mestiça e seus filhos (alunos e alunas da escola pública), há tanto tempo marginalizada e sem acesso aos bens materiais na sociedade brasileira. De formas diversas, podemos proporcionar aos futuros professores tais conhecimentos, visando dinamizar sua ação pedagógica junto aos alunos das séries iniciais. Ao abordar esse tema, outras questões como as diferenças marcadas pelo gênero, classe social ou sexualidade também poderão emergir, ampliando a compreensão sobre a questão das diferenças que precisam ser acolhidas e respeitadas.

Sugestões de Leitura

ALMEIDA, G. *Bruna e a galinha D'Angola*. Rio de Janeiro: EDC e Pallas, 2000.

ANTUNES, A. do R., TRINDADE, M. de L. A. e PAGANELLI, T. I. *Os grupos os espaços e os tempos*. Coleção Viva a nossa turma. Rio de Janeiro: ACCESS, 1998.

BRASIL. *Lei complementar 10.639/03*, de 09 de janeiro de 2003. Altera a lei n.º 9.394/96, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”.

BRASIL. *Parecer. n.º CNE/CP 003/2004*, de 10/03/2004. Estabelecem Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

⁷ www.tvebrasil.com.br/salto; www.palmares.org.br; www.mulheresnegras.org.br; www.quilombhoje.com.br; www.crmariocovas.sp.gov.br

⁸ Filme de Steven Spielberg que apresenta, através de uma história real, o processo de escravização de negros.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais de História e Geografia e Pluralidade Cultural*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

SIMIELLE, Maria Helena. *Primeiros mapas*. Como entender e construir. São Paulo: Ática, 1993.

Artes, Corpo e Movimento

A reprodução de técnicas a serem desenvolvidas com os alunos tem sido, em geral, o foco do trabalho com Artes, ao longo das séries, seja no Ensino Fundamental, seja no próprio curso de Formação de Professores. A concentração nas artes visuais tem desconsiderado outras formas de expressão (música, dança, teatro) enquanto manifestações culturais significativas no processo de formação humana.

O trabalho com o corpo tem se restringido a seqüenciação de movimentos desconexos, desconsiderando a infinidade de gestos, expressões e movimentos, que os seres humanos foram e são capazes de realizar. O grande desafio é propiciar aos alunos, nos diferentes níveis de ensino, o conhecimento do seu corpo, usando-o como instrumento de expressão, de maneira a propiciar, a partir de experiências sociais e afetivas anteriores, novas formas de movimento.

Trabalhar com futuros professores sem levar em conta as diversas linguagens que experimentamos nos diferentes momentos cotidianos é, de certa forma, contribuir para o processo de exclusão social mencionado anteriormente. Mas, então, como trabalhar arte, corpo e movimento enquanto conceitos amplos, plurais e interculturais? Como valorizar as múltiplas e variadas formas de expressão presentes em nosso país?

Não temos aqui a pretensão de formar professores de *Educação Artística* e de *Educação Física*. E, muito menos, gostaríamos de contribuir para a desqualificação dos professores dessas áreas de conhecimento. Ao contrário, estes profissionais, que também atuam no curso Normal, podem dar uma rica contribuição através das disciplinas que ministram. Ao trazerem conteúdos, conceitos e práticas significativos, estes professores viabilizam o encaminhamento metodológico necessário ao trabalho pedagógico nas séries iniciais a ser orientado pelos profissionais que lecionam *Conhecimentos Didático-Pedagógicos em Ensino Fundamental e Práticas Pedagógicas e Iniciação à Pesquisa*.

O olhar e o sentir merecem um lugar especial nas relações escolares? Sensibilidade e razão precisam estar dissociadas? Se pensarmos a formação a partir de tais questionamentos, talvez estejamos contribuindo para práticas educativas menos áridas e burocráticas. Nossa busca é por uma educação mais humana, acolhedora e competente.

Sugestões de Leitura

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BUODORO, A. B. *O olhar em construção: uma experiência de ensino da arte na escola*. 5a ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FUSARI, M. F. de R., FERRAZ, M. H. C. de T. *Arte na Educação Escolar*. Coleção Magistério 2º grau - Série Formação Geral. São Paulo: Cortez, 1993.

GONÇALVES, M. C., PINTO, R. C. A., TEUBER, S. P. *Aprendendo a Educação Física*. Da técnica aplicada ao movimento livre. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro, 2002.

LEITÃO, M. M. *Um fotógrafo diferente chamado Debret*. São Paulo: Editora do Brasil, 1997.

LOPES, M. da G. *Jogos na educação*. Criar, fazer, jogar. São Paulo: Cortez, 2002.

E a Educação Especial, onde fica?

Entendemos a Educação Especial como parte integrante do trabalho desta disciplina. Embora esta modalidade de ensino esteja contemplada na disciplina *Ênfase na Formação (Conhecimentos didáticos em Educação Especial, Educação de Jovens e Adultos, Educação Indígena)*, sabemos que, em alguns casos, a ênfase na formação do professor para a área de Educação Especial não é trabalhada. Com esta preocupação destacamos a necessidade da participação de todos os alunos, futuros professores, em discussões de questões fundamentais para que possam atuar na perspectiva da educação inclusiva.

Considerar a disciplina *Conhecimentos Didático-Pedagógicos em Ensino Fundamental* como um espaço para se abordar questões relacionadas à Educação Especial é uma forma de garantir aos futuros professores a oportunidade de se aproximarem desta realidade concreta: a possibilidade de acolher nas salas de aulas, crianças portadoras de necessidades educacionais especiais. O contato, ainda que breve, com o tema poderá oferecer-lhes uma maior segurança para o trabalho de inclusão desses alunos, cuja presença nas classes regulares é garantida por lei.

Lembramos a importância do professor de *Conhecimentos Didático-Pedagógicos em Ensino Fundamental* ler cuidadosamente a parte deste documento que trata da Educação Especial para também se sentir seguro para promover tais debates. Vale destacar que toda a discussão sobre metodologias de ensino não pode deixar de levar em consideração esta perspectiva: as metodologias devem se adequar às especificidades e ritmos individualizados dos alunos, respeitando-se a questão das diferenças, e fazendo da inclusão uma realidade. Nesse sentido, o trabalho com o corpo, artes e movimento viabiliza a articulação de propostas voltadas para o desenvolvimento de potencialidades e de resgate da auto-estima.

OBJETIVOS A ALCANÇAR

Após cursar essa disciplina, o futuro professor deverá ser capaz de:

- Perceber as diferentes áreas do conhecimento como indissociáveis e a Língua Portuguesa como elo integrador entre elas.
- Trabalhar em uma perspectiva interdisciplinar, usando diferentes tipos e gêneros textuais como forma de superar a abordagem disciplinar e conteudista, integrando conhecimentos na busca por uma formação integral dos sujeitos.
- Conhecer e dominar os conteúdos básicos relacionados com a Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais e Humanas, como objetos da sua atividade docente, adequando-os às atividades escolares próprias.
- Fazer uso da tecnologia da informação e de seus avanços, de maneira a proporcionar o aumento das possibilidades de aprendizagem pessoal e dos alunos.
- Dominar com fluência o uso da Língua Portuguesa em situações sociais que forem relevantes para o ofício do professor.

- Criar, planejar, realizar, gerir e avaliar situações didáticas, utilizando o conhecimento sobre linguagem sobre as temáticas sociais que perpassam o currículo e sobre o contexto, assim como as especificidades didáticas envolvidas;
- Compreender a importância de utilizar diferentes e flexíveis formas de organização do tempo, do espaço e de agrupamentos dos alunos para promover e enriquecer o processo de desenvolvimento e aprendizagem, favorecendo a criação de zonas de Desenvolvimento Proximal.
- Assumir uma postura permanentemente investigativa, entendendo a formação como um processo que perpassa toda a vida.
- Utilizar estratégias diversificadas de avaliação da aprendizagem e, a partir dos resultados, formular propostas de intervenção pedagógica.

ABORDAGENS E INTERFACES POSSÍVEIS:

Incentivar o gosto pela leitura espontânea e orientada de textos diversos, priorizando a discussão de questões que podem emergir a partir de tais textos. Trabalhar com livros para-didáticos de diferentes áreas do conhecimento pode viabilizar um trabalho diferente e rico para os professores em formação.

Exemplos:

- Prática de leitura literária compartilhada no início das aulas, feita pelo professor, sem finalidade didática.
- Sarau de poesias.
- Círculo de leitura a partir de textos informativos, curiosidades, etc., a ser realizado pelos alunos em formação, onde eles possam discutir e opinar sobre o texto lido.
- Provocar discussões pedagógicas ou de cunho sócio-político a partir da literatura infanto-juvenil.
- A literatura infantil pode também contribuir para uma compreensão ampliada do trabalho com Ciências Naturais. Há hoje, no mercado literário, muitas obras que podem contribuir ricamente para a construção de conhecimentos na área. Citamos como exemplos: a) *De onde vêm os bebês?*⁹, que ajuda a pensar nas transformações do nosso corpo, mostrando como ocorrem a reprodução humana e o nascimento dos bebês; b) *Viagem ao Mundo dos Micróbios*¹⁰, que como o título indica, permite uma aproximação com a questão da contaminação, os problemas da falta de higiene dentre outros.

Oportunizar a ampliação do capital cultural dos alunos, futuros professores, explorando o convívio com as mais diferentes linguagens disponíveis no mundo moderno, desenvolvendo a capacidade de leitura e interpretação crítica e reflexiva de diferentes meios e formas de comunicação.

Exemplos:

- Discutir temas atuais a partir do uso de diferentes linguagens (bons filmes, reportagens de jornais, revistas etc.).

⁹ ROYSTOM, A. De onde vêm os bebês? São Paulo: Ática, 1996.

¹⁰ BRANCO, S. M. Viagem ao mundo dos micróbios. São Paulo: Moderna, 2002.

- Usar materiais impressos que fazem parte de nossa vida cotidiana como fonte de informação e de questionamento (encartes de mercado, faixas, cartazes etc.).
- Assistir e discutir programas educativos da TV aberta (TVE, Um Salto para o Futuro, Multirio), do canal Futura, da TV Escola e suas possibilidades de utilização com alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental.
- Assistir e debater filmes como *O homem sem sombra*, *Vida de inseto*, *O rei leão* pode render boas discussões na área de ensino de ciências.
- Visitar sites a fim de instigar a curiosidade, a reflexão e a ampliação de saberes didáticos e pedagógicos: www.tvebrasil.com.br/salto; www.crmariocovas.sp.gov.br; www.palmares.org.br; www.mulheresnegras.org.br; www.quilombhoje.com.br.
- Planejar visitas a museus, em parceria com os professores das disciplinas *Práticas Pedagógicas e Iniciação à Pesquisa e Artes*¹¹. Estas visitas permitem um diálogo rico e instigante sobre a leitura das obras, a educação do olhar e da sensibilidade. Este elo integrador entre diferentes disciplinas (e até diferentes áreas de conhecimento) é uma das formas de concretizar, na prática, o discurso sobre a interdisciplinaridade tão presente na literatura pedagógica.

Reconhecer a necessidade de formação permanente na profissão de professor e contribuir para o desenvolvimento de uma postura investigativa, tanto da realidade que nos cerca quanto dos conhecimentos produzidos nos mais diversos campos do saber, que contribuem para a reflexão do trabalho docente.

Exemplos:

- Estimular a participação dos alunos em campanhas comunitárias, levando ao reconhecimento de diferentes formas de exercício efetivo da cidadania. As campanhas não devem se limitar a recolher donativos e entregá-los às instituições. É necessário que os alunos conheçam o problema de perto, reflitam, opinem sobre a situação e busquem alternativas. Além de campanhas específicas das diferentes comunidades de nosso Estado, sugerimos que os alunos se conscientizem da necessidade de participação em campanhas de doação de sangue, campanha do agasalho, campanha de proteção aos animais e combate a dengue, por exemplo.
- Incentivo à participação em Jornadas Pedagógicas com apresentação de trabalhos.
- Viabilizar, em parceria com as disciplinas *Práticas Pedagógicas e Iniciação à Pesquisa e Ciências Físicas e da Natureza*, visita a espaços onde as questões de Ciências Naturais sejam o foco. Como sugestão citamos¹²: Museu da Vida, Fundação Planetário da Cidade do Rio de Janeiro, Centro cultural do IBAMA, Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciências e Tecnologia – UFRJ, Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Amazônia Urgente, dentre outros.

É importante também planejar Projetos de Trabalho que aglutinem conhecimentos numa perspectiva interdisciplinar.

¹¹ Artes é uma disciplina presente nas 1º, 2º e 4º séries do curso.

¹² Para maiores informações consulte o texto da disciplina Ciências Físicas e da Natureza deste documento.

Exemplos:

Projeto “Água: preservar para não acabar”

- Discussão sobre a importância da água para a vida, através do uso de textos informativos.
- Discussão sobre as reservas de água potável no mundo, inclusive fazendo uso de gráficos que mostrem a situação atual e as previsões para o futuro.
- Leitura de gêneros e tipos textuais que façam referência a esta temática, ampliando o conhecimento sobre o assunto e o cabedal lingüístico do aluno.
- Produção de textos diversos com uma função social definida: cartazes de participação e/ou promoção de campanhas, cartas, resumos e/ou resenhas de artigos sobre o tema, texto para o jornal da escola, relatórios de levantamento de dados e informações sobre o tema, etc.
- Produção de uma peça teatral.

Projeto: “História e Cultura Afro-brasileira na Formação de Professores”

- Discussão sobre o tema a partir de algum fato ou texto atual e próximo dos alunos.
- Apresentação, leitura e discussão da Lei 10.639/2003.
- Pesquisa sobre a escravidão e a história de Zumbi dos Palmares.
- Levantamento de textos da literatura infantil que apresentem uma reflexão sobre o tema e que sejam adequados a um futuro trabalho com alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental.
- Avaliação de aspectos que podem reforçar o preconceito étnico, dentre outras formas de preconceito, em livros didáticos e outros materiais pedagógicos.
- Seminários ou exposição para socialização dos textos da literatura infantil pesquisados e das formas de expressão de preconceitos encontradas em materiais pedagógicos.

Projeto: “A Matemática nas Eleições”

- Acompanhamento de eleições municipais, estaduais e nacionais – majoritárias (poder executivo) e proporcionais (poder legislativo).
- Levantamento e debate de regras eleitorais e de informações que contribuem para o processo de escolha de candidatos (plano de governo e passado político dos principais candidatos, por exemplo).
- Realização de uma prévia eleitoral dentro da escola.
- Apuração, divulgação dos resultados da prévia eleitoral, utilizando-se de gráficos e tabelas para registro destes resultados.
- Comparação dos resultados da prévia eleitoral realizada na escola com os resultados obtidos na eleição.

Projeto: “O papel dos materiais pedagógicos no ensino de Matemática”

- Confecção de materiais pedagógicos úteis ao ensino de Matemática a partir de sucatas, como embalagens de produtos de limpeza e alimentícios, garrafas e tampinhas de refrigerante, ou ainda a partir de materiais de baixo custo, como papel quadriculado.
- Utilização e confecção de jogos que permitem discutir conceitos matemáticos, tais como o Tangran e os Blocos Lógicos.
- Construção de jogos de trilha que permitem o trabalho interdisciplinar.
- Discussão das funções e diferentes possibilidades de uso de um mesmo material concreto.

Projeto: “Conhecendo a comunidade e reconhecendo-se”

- Organizar, num projeto integrado com outras disciplinas do currículo, uma exposição de fotos antigas e atuais das regiões no entorno da escola e de pessoas da comunidade.
- Convidar para palestras e debates pessoas da comunidade que tenham vivenciado as transformações humanas, geográficas e ambientais, discutindo caminhos de preservação da memória local.
- Refletir sobre o que deve ser preservado, reconstruído ou melhorado na localidade.
- Construir um álbum da memória individual do aluno na comunidade ou de sua história escolar.